

SCIPIONE EDUCAÇÃO



editora scipione

Livros e muito mais
soluções para a educação

REENCONTRO INFANTIL

OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO

ADAPTAÇÃO DE EDY LIMA

KITS PEDAGÓGICOS

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

PESQUISA DE LIVROS E VÍDEOS

AVALIAÇÃO

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

1ª ATIVIDADE

- ♦ Converse com a classe sobre quem são como vivem os miseráveis do livro.
- ♦ Depois que fugiu da prisão, Jean Valjean viveu na rua – foi um “morador de rua”, um sem-teto, como diríamos hoje. Gavroche, um menino de 12 anos, era morador de rua e sem família. Aproveite para abordar essa questão na nossa sociedade:

MEDO E FRIO FAZEM LOTAR OS ALBERGUES DE SÃO PAULO

Cambaleante, com os olhos embaçados, um homem de cerca de 30 anos se aproxima do portão do albergue Cirineu, no centro de São Paulo, às 20h30.

Do lado de dentro, à sua espera, uma mulher grita, nervosa, apontando o dedo para o recém-chegado: “Ô, João, você não some não, viu? Porque estão matando gente na praça da Sé e ninguém sabe quem está fazendo isso. Eu estava louca de preocupação, achando que tinha acontecido alguma coisa com você”. João é pego pelo braço e levado para dentro do albergue.

A cena ilustra bem o clima de terror que tomou conta de uma parcela de moradores da cidade. Nas rodinhas, na sala de jantar e nos corredores dos abrigos, o assunto é um só: os ataques sofridos por moradores de rua na última semana. Por conta dos atentados e da queda na temperatura, os albergues ficaram lotados na terça-feira à noite. Alguns deles tiveram de improvisar colchões nos corredores.

"Depois que matarem todos os que estão lá fora, vão entrar aqui para pegar a gente", desesperava-se a ex-menina de rua Mônica dos Santos, 26. "Eu tenho para mim que são os tais dos *skinheads*". A suspeita foi apontada à *Folha* por outros moradores de rua.

Regras

A Polícia Militar promoveu na noite de terça uma operação para encaminhar moradores de rua aos albergues da cidade. Aqueles que se recusaram a ir foram orientados a, pelo menos, dormir próximo aos postos policiais espalhados pelo centro da cidade.

"Não quero ir para lá porque tenho de obedecer às regras deles", afirma Severiano Fernandes Oliveira, 64, morador de rua há 20. As tais regras realmente existem e mudam um pouco de uma instituição para outra.

Segundo a secretária de Assistência Social, Aldaíza Sposati, "muitos não querem ir para um espaço que requer referências coletivas. Há problemas de comprometimento de saúde mental e do hábito da rua".

Na parede de um dos albergues visitados pela reportagem, placas alertavam para as normas da casa: "É proibido falar alto e gritar, fumar nas dependências internas, desobedecer a horários, tomar banho após as 22h e faltar com a higiene pessoal".

Portar arma branca ou de fogo, agredir ou ameaçar física ou verbalmente funcionários ou outros usuários pode ser punido com o desligamento da instituição. Há horário para buscar pertences deixados dentro do albergue, jantar e deixar o local.

Pelas regras e por ter um filho de 11 meses que "os assistentes sociais do albergue querem levar para outra instituição", Reinaldo Pereira, 31, e sua mulher estão na rua, mas não dormem de noite.

Folha de S.Paulo, 25 ago. 2004.

- ♦ Explore o texto gramaticalmente.
- ♦ Divida a classe em grupos e peça que façam um resumo das informações do texto.
- ♦ Coloque em discussão a questão dos moradores de rua.
- ♦ Peça que pesquisem sobre o assunto.

2ª ATIVIDADE

- ♦ Mostre a seus alunos o quadro *Pipas*, de Cândido Portinari“:

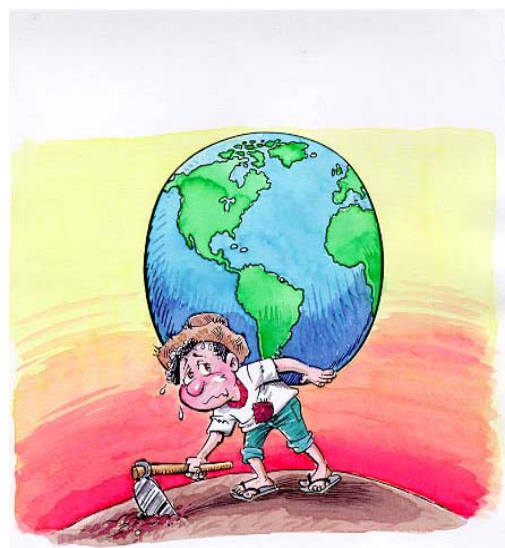


- ♦ Peça que descrevam a cena, que falem livremente sobre ela, mas levando-os a observar que representa crianças brincando. Aproveite para falar um pouco sobre Portinari e, se possível, mostrar outras obras dele.

- ◆ Em seguida, peça que releiam no livro o trecho em que Valjean encontra a menina com os Thénardier: era submetida ao trabalho doméstico e escravo, já que nada recebia.
- ◆ Peça que comentem a situação de Cosette.
- ◆ Questione:
 - Você ajuda em casa?
 - Já viu alguma criança trabalhando? Onde?
 - Como era essa criança?
- ◆ Mostre as ilustrações abaixo e solicite que falem sobre elas: descrição das cenas, o que elas representam, etc.
- ◆ Peça que escolham uma das ilustrações e façam uma redação.



www.canalkids.com.br/unicef/trabalho



www.geocities.com.br

- ♦ Distribua e explore os seguintes textos:

Já pensou se em vez de acordar e ir para a escola, ou sair para brincar, você tivesse de pegar uma enxada e trabalhar o dia inteiro? A infância foi feita para aprender e brincar. Trabalhar no Brasil, só depois dos 16 anos, e dos 16 aos 18, só com autorização. É um direito da criança garantido por lei.

Mas em muitos lugares do Brasil e do mundo, as crianças quase não brincam. Mal aprendem a andar e falar, e já dão o maior duro: trabalham em lavouras, em minas, em fábricas, em lixões, ajudando os pais ou sendo exploradas por patrões que não respeitam a lei. Não vão à escola e não têm chance de ter um futuro feliz.

Disponível na Internet via <<http://www.canalkids.com.br/unicef/trabalho.htm>>.

OS FILHOS DO CARVÃO

Aposto que você não sabia que o carvão é a lenha do eucalipto queimado em fornos chamados "rabos quentes", sabia? E, se não sabia disso, também não sabia que "rabo quente" é uma espécie de iglu (já viu como é a casa do esquimó?), feito de tijolos e barro, que arde e estala com o fogo aceso durante três dias.

Pois é. Só que, para fazer o eucalipto virar carvão, muitas crianças têm de trabalhar junto com os pais.

Quem contou e até mostrou tudo isso para minha professora foi a Luciane, uma menina de 15 anos, que vive numa fazenda em Água Clara (no Mato Grosso do Sul). Ela tem mais dois irmãos adolescentes e duas irmãs pequenas. Todos trabalham com o pai numa carvoaria. Escute só o que mais ela falou:

"O médico me proibiu de mexer com a fumaça, pois já tive pneumonia. Mas meu pai não agüenta trabalhar sozinho. Desde os 7 anos eu ajudo ele. Comecei fazendo porta de forno, depois aprendi de tudo.

Tem de transportar a lenha, botar fogo, esperar esfriar e retirar o carvão. Tem tanta coisa a fazer numa carvoaria que, de noite, a gente dorme até em pé."

Agora, pare um pouco e pense como deve ser horrível a gente não poder deitar em uma cama macia, cheirosa e quentinha, ainda mais quando se está caindo de cansado. Pois é... esta história dos filhos do carvão só tem fumaça e tristeza. Se eu fosse pintar, só usaria o lápis cinza. E o preto também, claro, pra pintar o carvão e o "gato".

Sabe o que é esse gato preto entre aspas? É o empreiteiro, o homem que contrata os carvoejadores e depois leva todos para morar em barracas, dentro das florestas onde estão os eucaliptos que vão virar carvão.

É ali, no meio da fumaça e longe da cidade, que famílias como a de Luciane vivem. E não é só em Água Clara. A dona Catarina disse que também em Minas Gerais, na Bahia e no Pará.

Esta história cinza-triste me faz lembrar da amarelinha. É que minha mãe sempre me dá um pedaço de carvão quando eu quero riscar uma amarelinha na calçada. É melhor que giz, porque o preto aparece mais.

Será que essas crianças do carvão já brincaram alguma vez de amarelinha?

AZEVEDO, Jô e outros. *Serafina e a criança que trabalha: histórias de verdade*. São Paulo: Ática, 2000.

Textos complementares

O QUE É TRABALHO INFANTIL?

Segundo a caracterização da Conaeti – Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Infantil –, o trabalho infantil "é uma atividade e/ou estratégia de sobrevivência, remunerada ou não, realizada por meninos e meninas, menores da idade mínima requerida pela legislação nacional vigente, para incorporar-se a um emprego. Trata-se de atividades e estratégias visíveis, invisíveis ou ocultas, onde o "sustento conseguido" ou o "benefício" do serviço pode servir para si mesmo e/ou contribuir para manutenção do seu grupo familiar e/ou da apropriação de terceiros exploradores.

(...) Muitas vezes, o trabalho escravo infantil acontece sob a tolerância da sociedade, que o vê como uma opção para as famílias que não têm como garantir financeiramente a sobrevivência. Além da tolerância, existe a indiferença, enquanto cerca de 20 milhões, na América Latina e Caribe, de meninos e meninas menores de 14 anos perdem os melhores anos de sua infância. Diante dessa crua realidade que impede o desenvolvimento real, vários países do mundo, neste dia 16 de abril, Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil, se unem para mostrar suas estatísticas e campanhas para tentar diminuir esses números.

Com o aumento do fenômeno da pobreza, constata-se, na sociedade global em que vivemos, a existência da escravidão, que se acreditava ter desaparecido há mais de um século. Uma escravidão que atinge, sobretudo, meninas e meninos e que aumenta em todo o mundo; que se multiplica nos países do sul e que reaparece nos países mais desenvolvidos do norte. Poderosas empresas utilizam os menores mediante subcontratações em países do terceiro mundo com a finalidade de baratear suas mercadorias, vendidas em outros lugares. Dessa forma, a exploração trabalhista infantil está aumentando em todos os setores, tanto na agricultura como na indústria e nos serviços.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulga que existem cerca de 250 milhões de crianças no mundo trabalhando (entre os 5 e 14 anos), mas as estatísticas não são muito seguras, dado que boa parte da exploração é clandestina ou realizada em setores econômicos informais. Na África, uma em cada três crianças é explorada e, na América Latina, uma em cada cinco.

Disponível na Internet via <<http://www.adital.com.br>>.

TRABALHO INFANTIL DOMÉSTICO

(...) meninos e meninas "são explorados no trabalho doméstico, submetidos a tratamentos humilhantes e discriminatórios; vivem em condições desumanas, muitas vezes dormindo no chão e comendo as sobras; trabalham entre 12 e 16 horas diárias, sem distinção de domingos, nem feriados, o que lhes faz desistir de qualquer alternativa educativa".

No mundo, 246 milhões de crianças são vítimas de exploração trabalhista, cerca de 10 milhões delas com apenas 10 anos trabalham nas residências de seus empregadores sem que suas tarefas possam, na maioria dos casos, ser controladas. "Por trás das portas cerradas pode e costuma haver violência e maus tratos sem que no exterior ninguém se dê conta e, nesses casos, se considera que a menina ou menino padece de uma das piores formas de trabalho infantil", diz o informe. (...)

Considera-se trabalho infantil doméstico as tarefas domésticas desempenhadas por meninas e meninos que não tenham cumprido a idade mínima legal de admissão ao emprego, em um lar que não seja o seu e em condições que atentem contra sua dignidade e desenvolvimento. A exploração é econômica quando a menina ou menino deve trabalhar durante horários prolongados sem dispor de tempo livre e recebe um salário baixo ou nenhuma remuneração.

Apesar disso, na maioria dos países estudados, considera-se que o trabalho doméstico é "seguro" para as meninas e meninos e é também uma alternativa "mais conveniente" para os filhos e filhas de famílias pobres. A presunção de que o trabalho doméstico é benéfico para as meninas e a idéia de que os empregadores apareceriam como "benfeitores" que "estão fazendo um favor" ao oferecer a oportunidade de deixar uma casa pobre para ir morar em um "lar superior" mascara – diz o informe – "as relações sociais patriarcais, segundo as quais o trabalho doméstico é uma alternativa adequada à educação para as meninas e o fato real de que sua exploração constitui um meio de adquirir mão-de-obra barata e de reforçar a subordinação".

Disponível na Internet via <<http://www.adital.com.br>>.

3ª ATIVIDADE

- ♦ Mostre um mapa-múndi, indicando a França e destacando sua distância do Brasil.
- ♦ Proponha aos alunos o seguinte: o mundo de Jean Valjean está distante do nosso, no tempo e no espaço – ele viveu na França, no século XIX. Mesmo assim, a sociedade a que ele pertencia apresenta algumas semelhanças com a nossa, mais de 100 anos depois: a pobreza, a mendicância, o trabalho infantil. Entretanto, de lá para cá, muita coisa mudou: o modo de vestir, costumes, meios de

transporte, formas de comunicação a distância, entre outras. Peça que:

- observem, nas ilustrações do livro, o modo como as pessoas se vestiam, e o descrevam;
 - destaquem os meios de transporte citados e falem das diferenças em relação à nossa época; se possível, mostre-lhes outras ilustrações;
 - procurem no livro os trechos que falam do namoro entre Cosette e Marius e estabeleçam comparações com a nossa época;
 - procurem trechos que ilustrem como era a comunicação na época, quando não havia telefones (exemplo: quando Marius quer enviar um recado para Cosette, como ele o faz?);
 - conversem com pessoas mais velhas (de diferentes idades: pais, avós, primos mais velhos, etc.) e lhes perguntem sobre a época em que eram crianças e jovens: como se vestiam, como eram os meios de transporte, os meios de comunicação com os amigos, como era o namoro.
- ◆ Em classe, deixe-os contar as informações que obtiveram e façam comentários, comparações, etc.
 - ◆ Peça que cada um imagine que vive no século XIX e quer contar para um amigo ou amiga sobre o seu namoro, mas não pode ir visitá-lo: deve escrever uma carta ou bilhete, descrevendo como é e como está vestido/vestida o namorado/namorada, como se aproximaram, como se encontram, etc.

4ª ATIVIDADE

- ◆ Divida a classe em grupos e peça que descrevam, por escrito, a personalidade de Jean Valjean, exemplificando com trechos do livro.
- ◆ "*Escuta tua consciência antes de agir, porque a consciência é Deus agindo no homem*": esta frase é de Victor Hugo, o autor de *Os miseráveis*. Discuta a frase com os alunos, para que atinjam o seu significado.
- ◆ Jean Valjean também procura agir assim, em algumas situações da história. Peça a eles que respondam:
 - Qual foi o acontecimento que provocou uma mudança no comportamento de Jean Valjean, quem a provocou e como?
 - Em quais episódios da sua vida Valjean escutou a sua consciência antes de agir?
 - Solicite aos grupos que façam uma história de quadrinhos sobre esse tema: escutar a consciência antes de agir.

5ª ATIVIDADE

- ♦ Com o dinheiro que ganhou na venda dos talheres do padre, Valjean comprou uma pequena fábrica, que cresceu, criando muitos empregos na pequena cidade. Fabricava bijuterias. Hoje, muita gente produz bijuterias artesanalmente.
 - Pergunte quem conhece alguém que o faça e conte como é. Peça que se informem sobre o assunto.
 - Peça para lerem o seguinte texto e depois solicite a alguns alunos que contem o que entenderam:

Até o século XVII, toda a produção era artesanal e doméstica. O produtor trabalhava numa oficina, em geral na própria casa, com alguns ajudantes e ele mesmo vendia seus produtos. Com a expansão das trocas e o surgimento de um mercado internacional, o trabalho artesanal foi sendo substituído. Os trabalhadores produziam em grupos num mesmo local: eram as manufaturas. O dono comprava a matéria-prima e as máquinas e contratava pessoas para trabalharem para ele em troca de um salário. A produção ainda era feita manualmente ou em máquinas que o próprio homem movia. O mercado, porém, crescia e a produção manufatureira já não era suficiente para atender a tanta procura. Foi aí, então, que foram inventadas as máquinas: começaram a surgir as fábricas, nas quais também eram contratados para trabalhar em troca de um salário. Isso ocorreu na Inglaterra, no século XVIII. Era o começo da Revolução Industrial, que depois se espalhou por outros países. A produção, então, passou a ser mecanizada – é o momento da produção mecanizada nas fábricas, ou seja, com o uso das máquinas. Quem trabalha nas fábricas forma a classe assalariada ou proletariado, enquanto que os donos das fábricas formam a burguesia.

- ♦ Valjean parece ter sido um bom patrão, mas as condições de trabalho nas fábricas, no início, eram péssimas e mesmo hoje continuam sendo ruins, em muitos países. Trabalhe com eles o seguinte texto, que aborda o início da industrialização do Brasil, no começo do século XX:

O TRABALHO NAS FÁBRICAS E AS PESSOAS

Para muitos operários brasileiros e de outros países, o cotidiano do trabalho é quase sempre desgastante. Dificuldades de hoje, como salários baixos, eram ainda maiores nas primeiras décadas do século XX, porque as leis que regulamentavam as relações entre patrões e empregados, além de poucas, não eram muito respeitadas.

As pessoas trabalhavam 10, 12 e, às vezes, 14 horas por dia. Era comum terem de trabalhar também aos sábados e domingos, sem que ao aumento da jornada correspondesse um aumento nos rendimentos. Como os salários eram muito baixos, os chefes de família, sozinhos, não conseguiam sustentar suas casas e, por causa disso, mulheres e crianças também tinham que trabalhar. Não havia salário mínimo

estabelecido por lei, licença-maternidade, creches ou mesmo proibição do trabalho infantil.

Em caso de doença ou acidente de trabalho, os trabalhadores ficavam sem receber: não havia licença médica nem aposentadoria. Além disso, as crianças operárias não freqüentavam a escola, prejudicando sua formação para a vida adulta.

SENE, Eustáquio e MOREIRA, João Carlos. *Trilhas da Geografia – o passado e o presente na geografia*. São Paulo. Scipione, 2000.

PESQUISA DE LIVROS E VÍDEOS

LIVROS

O CORCUNDA DE NOTRE-DAME

VICTOR HUGO

ADAPTAÇÃO DE TELMA GUIMARÃES DE CASTRO

SCIPIONE

Uma história do mesmo autor, que fala de outro excluído: Quasímodo, o corcunda horrendo e de alma boa, que se apaixona pela bela cigana Esmeralda e morre abraçado ao seu cadáver.

UMA PONTE, UM RIO, O PEDRO E O ZEZINHO

MÁRCIA BATISTA

SCIPIONE

Numa história poética, são retratados o trabalho infantil e a solidariedade.

A GENTE E OUTRAS GENTES

EDY LIMA

SCIPIONE

Para uma criança, o mundo é feito de vilões e bandidos, de um lado, e heróis e mocinhos, do outro. De que lado é melhor ficar?

SERAFINA E A CRIANÇA QUE TRABALHA: HISTÓRIAS DE VERDADE

JÔ AZEVEDO, IOLANDA HUZAK E CRISTINA PORTO

ÁTICA

A dura realidade das crianças que trabalham é mostrada com muito respeito pela personagem Serafina, com fotos, entrevistas e relatos que contextualizam o grave problema do trabalho infantil.

TRABALHO INFANTIL – O DIFÍCIL SONHO DE SER CRIANÇA

JÔ AZEVEDO, IOLANDA HUZAK, CRISTINA PORTO

ÁTICA

Madalena e seus colegas denunciam, nos jornaizinhos que escrevem, as formas de trabalho infantil que existem pelo Brasil, fazendo um retrato indignado dessa situação cruel, mas que traz a esperança de que ela encontre um fim.

A IDADE MODERNA

MARIUS RIUS

SCIPIONE

Nos últimos tempos da Idade Moderna, o pensamento revolucionário começou a ganhar força. No mesmo período, acontecem transformações fundamentais para os dias de hoje, como o surgimento das fábricas. Este livro, da coleção "Viajando através da História", ajuda a criança a entender essa época e sua importância para os nossos dias.

A IDADE CONTEMPORÂNEA

CARME PERES

SCIPIONE

A Idade Contemporânea começa no século XVII e se estende até nossos dias: é um período da história que se caracteriza por muitos avanços. Também da coleção "Viajando através da História", ajuda a criança a compreender o mundo em que vivemos.

DAVID COPPERFIELD

CHARLES DICKENS

ADAPTAÇÃO DE HILDEGARD FEIST

SCIPIONE

David Copperfield, que vivia na Inglaterra no século XIX, fica órfão como Cosette e acaba tendo que viver nas ruas, até encontrar uma tia que vai cuidar dele como se fosse seu filho.

VÍDEOS**OS MISERÁVEIS**

EUA, 1998

131 MIN.

DIREÇÃO: BILLE AUGUST

França, século XIX. Após dezenove anos de trabalhos forçados na prisão (apenas por ter roubado pão), Jean Valjean é posto em liberdade condicional. Tempos depois, consegue dar a volta por cima e torna-se prefeito da pequena cidade de Vigau. Seus dias de paz, no entanto, terminam com a chegada do inspetor Javert, o novo comissário de polícia local e antigo guarda da prisão onde Valjean cumpriu pena. Rígido e obcecado, Javert passa a viver à espreita de algum deslize da parte do ex-presidiário, uma perseguição que se arrastará por quase vinte anos. Adaptação do clássico homônimo de Victor Hugo.

PIP, O ÓRFÃO

EUA, 1989

90 MIN.

Menino inocente e bondoso alimenta fugitivo esfomeado. Anos mais tarde, recebe dinheiro de misterioso beneficiário, conseguindo educar-se como cavalheiro. Mas várias surpresas o esperam. Baseado no clássico *Grandes esperanças*, de Charles Dickens.

AS AVENTURAS DE OLIVER TWIST

EUA, 1997

91 MIN.

DIREÇÃO: TONY BILL

Londres, século XIX. Oliver Twist é um garoto que vive num rígido orfanato junto com várias outras crianças abandonadas. Rebelde, ele acaba sendo expulso do local, indo parar nas ruas. Sem ter para onde ir, ele é acolhido por um bando de jovens marginais, com quem logo faz amizade. Os problemas começam quando os garotos começam a

trabalhar para um ganancioso gangster, o que fará com que Oliver seja acusado injustamente de cometer um crime. Em apuros, ele tentará desesperadamente provar sua inocência. Baseado no romance *Oliver Twist*, de Charles Dickens.

AVALIAÇÃO

1. "Jean Valjean tornou-se um morador de rua; o menino Gavroche não tinha casa nem parentes, também morava nas ruas. Mas tal nível de pobreza é, hoje em dia, coisa do passado". Isto está correto? Por quê?
2. Leia atentamente o texto no quadro. Observe que é possível estabelecer uma relação entre ele e a questão anterior. Qual é essa relação?

Cambaleante, com os olhos embaçados, um homem de cerca de 30 anos se aproxima do portão do albergue, às 20h30.

3. São Paulo, agosto de 2004: muitos moradores de rua começam a procurar os albergues para dormir. O que motivou este fato?
4. Elabore uma continuação para o texto abaixo:
"A infância foi feita para aprender e brincar." "Trabalhar, no Brasil, só depois dos 16 anos e, entre os 16 e os 18, só com autorização, assim diz a lei". Entretanto...
5. Há, no Brasil, crianças que podem ser chamadas de "filhos do carvão". Por que isso ocorre?
6. Entre o mundo de Jean Valjean e a época em que vivemos, muito tempo se passou; além disso, ele viveu na França. Muitas coisas mudaram desde então, mas algumas ainda são iguais. Quais são as semelhanças e diferenças que podemos observar entre as duas épocas?
7. "Escuta tua consciência antes de agir." Isso quer dizer que:
 - a) É bom agir de acordo com a situação.
 - b) Antes de agir, é bom pensar no que os outros vão dizer.
 - c) Antes de agir, é bom ouvir a opinião dos outros.
 - d) Antes de agir, é bom pensar no que é certo e no que é errado.
8. Jean Valjean era um fugitivo da polícia. Por que motivo havia sido preso e condenado?

- 9.** No princípio, a produção de mercadorias era feita artesanalmente. Depois, surgiram as manufaturas e, no século XVIII, as fábricas. Quais as diferenças entre esses três processos produtivos?
- 10.** A industrialização, no Brasil, começou no início do século XX e as condições de trabalho nas fábricas eram muito semelhantes às da Inglaterra e França, quando esses países iniciaram sua industrialização. Qual era a situação dos trabalhadores?

RESPOSTAS

1. Está errado: a miséria e a pobreza ainda são grandes e ainda existem muitas pessoas obrigadas a viver nas ruas.
2. A relação é a seguinte: hoje existem albergues, que abrigam os moradores de rua; à noite, muitos moradores de rua procuram os albergues, onde tomam banho, jantam e encontram um leito para dormir.
3. Muitos deles foram mortos enquanto dormiam nas ruas. Então, os moradores de rua procuram a segurança dos albergues.
4. ...muitas crianças são obrigadas a trabalhar desde pequenas, para ajudar no sustento da família.
5. Os "filhos do carvão" são as crianças que trabalham nas carvoarias, em locais onde a madeira do eucalipto é transformada em carvão, em fornos que são chamados de "rabos quentes".
6. Semelhanças: pobreza, miséria, pessoas obrigadas a viver na rua. Diferenças: modo de vestir, meios de comunicação, meios de transportes, costumes.
7. Alternativa D.
8. Porque roubara uma pão, para saciar a fome dos sobrinhos famintos.
9. Artesanato: o produtor trabalhava numa oficina, em geral na própria casa, com alguns ajudantes e ele mesmo vendia seus produtos. Manufatura: os trabalhadores produziam em grupos num mesmo local. O dono comprava a matéria-prima e as máquinas e contratava pessoas para trabalharem para ele em troca de um salário. Fábricas: são utilizadas máquinas na produção, isto é, a produção é mecanizada.
10. Baixos salários, de 10 a 16 horas de trabalho diário; não havia pagamento de horas extras, férias, licença-maternidade, quem adoecia perdia os dias de trabalho e muitas vezes o emprego (o desemprego era muito grande), mulheres e crianças eram obrigadas a trabalhar para completar o rendimento doméstico.